



O PORTUGUÊS CAIPIRA EM “HISTÓRIAS QUE A CECÍLIA CONTAVA”

Brenda Schmidt Santos (UNISC)¹
brenda-schmidt@hotmail.com

Eduarda Celina Lopes (UNISC)²
eduardacelinalopes@gmail.com

Larissa Gerasch (UNISC)³
larissa.gerasch@yahoo.com.br

Rosângela Gabriel (UNISC)⁴
rgabriel@unisc.br

RESUMO: Este estudo consiste em uma análise sociolinguística da variante popular utilizada por uma brasileira chamada Maria Cecília de Jesus, descendente de africanos, analfabeta, com idade avançada e que trabalhou como lavadeira em fazendas no estado de Minas Gerais, onde era conhecida entre as crianças pelas histórias que contava. O seu repertório compreende contos da literatura europeia – principalmente, portuguesa -, em sua maioria, contextualizados para o cenário brasileiro. Após investigações feitas por três irmãos que cresceram na fazenda Santa Cruz, em Piedade do Rio Grande, no sul do estado de Minas, e que, na infância, fizeram parte do público ouvinte, criou-se a hipótese de que, possivelmente, os antepassados de Cecília tomaram conhecimento dessas narrativas por meio dos proprietários de terra portugueses, dos quais foram escravos, e, posteriormente, transmitiram-nas a ela. Os contos foram reunidos em um livro, intitulado *Histórias que a Cecília contava* (CARVALHO et al., 2011), em que são apresentadas duas versões de cada conto: uma na linguagem dela e outra na de sua sobrinha, Maria das Dores Alves, deixando evidente as variantes linguísticas, à medida que vão surgindo gerações com maior nível de escolarização. Além disso, a obra contém um CD, no qual estão gravadas as histórias na voz de Cecília. Nesse sentido, a presente pesquisa objetiva analisar alguns fenômenos linguísticos da oralidade da contadora de histórias, explicando a sua formação individual, apontando os fatores que contribuíram para a sua existência e as modificações sofridas ao passar do tempo. Como forma de alcançar tal objetivo, foi selecionado o conto *A garça*, que compõe o livro, e, analisando o texto, fez-se um levantamento dos termos populares apresentados, dividindo-os em grupos, e selecionando alguns dos aspectos linguísticos presentes como objetos de investigação. Durante a pesquisa, observou-se a forma como contos tão semelhantes aos de fada em suas versões originais, não deixaram de despertar o interesse de quem os ouvia, mesmo ao serem reproduzidos em um português caipira, fugindo da norma padrão, o que revela a importância do reconhecimento das variantes linguísticas e da memória oral como riquezas culturais e históricas.

¹ Aluna do Curso de Letras - Português/Espanhol da Universidade de Santa Cruz do Sul. E-mail: brenda-schmidt@hotmail.com

² Aluna do Curso de Letras - Português/Inglês da Universidade de Santa Cruz do Sul. E-mail: eduardacelinalopes@gmail.com

³ Aluna do Curso de Letras - Português/Inglês da Universidade de Santa Cruz do Sul. E-mail: larissa.gerasch@yahoo.com.br

⁴ Professora do curso de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Santa Cruz do Sul. Bolsista Produtividade em Pesquisa do CNPq. E-mail: rgabriel@unisc.br



PALAVRAS-CHAVE: Sociolinguística; Oralidade; Literatura; Variante linguística.

ABSTRACT: This study consists of a sociolinguistic analysis of the popular variant used by a Brazilian named Maria Cecília de Jesus, a descendant of Africans, illiterate, elderly and who worked as a laundress in farms in the state of Minas Gerais, where she was known among children for the stories she told. Her repertoire comprises tales of European literature - mainly Portuguese - mostly contextualized for the Brazilian scenario. After investigations by three brothers who grew up on the Santa Cruz farm in Piedade do Rio Grande, in the southern state of Minas Gerais, and who, as a child, were part of the listeners, it was hypothesized that, possibly, the ancestors of Cecília took knowledge of these narratives through the Portuguese landowners, of whom they were slaves, and later transmitted them to her. The short stories were collected in a book entitled *Stories Cecilia told* (CARVALHO et al, 2011), in which two versions of each tale are presented: one in her language variety and the other in her niece's, Maria das Dores Alves, making evident the variation of the language, due to higher level of schooling.. In addition, the book is accompanied by a CD, in which are recorded the stories in Cecilia's voice. In this sense, the present research aims to analyze some linguistic phenomena of orality of the storyteller, explaining their individual formation, pointing out the factors that contributed to its existence and the changes suffered over time. As a way to achieve this goal, the tale *The heron* was selected, which composes the book, and, analyzing the text, a survey of the popular terms presented, dividing them into groups, and selecting some of the linguistic aspects present as objects of investigation. During the research, it was observed how fairy-like tales in their original versions, did not fail to arouse the interest of those who heard them, even when reproduced in a Portuguese hickory, avoiding the standard norm, which reveals the importance of the recognition of linguistic variants and oral memory as cultural and historical riches.

KEYWORDS: Sociolinguistic; Orality; Literature; Linguistic variety.

1 Introdução

Partindo do princípio de que língua e sociedade estão diretamente interligadas, devido ao fato de que toda língua depende de uma sociedade para existir, o termo “sociolinguística”, a um primeiro olhar, chega a ser redundante, pois já existe uma ciência que se ocupa em estudar a linguagem verbal humana, descrevendo o seu uso pelos falantes: a linguística. Assim, é importante salientar que esses dois recortes de estudo possuem diferentes enfoques: “a linguística volta-se para todas as comunidades com o mesmo interesse específico e a Sociolinguística considera a importância social da linguagem, dos pequenos grupos socioculturais, a comunidades maiores.” (MOLLICA; BRAGA, 2010, p.10). Pode-se dizer, então, que a Sociolinguística estuda como a sociedade se relaciona com as questões linguísticas, suscitando posturas de tolerância, de preconceito ou de desejo de investigação.

Tendo como apoio o livro *Histórias que a Cecília contava* (CARVALHO et al., 2011), a presente pesquisa foi elaborada a partir de uma análise sociolinguística de

alguns aspectos do conto *A garça*, que integra a obra. Considerando que a linguagem oral é construída no âmbito social e de forma não sistematizada, ao contrário da linguagem escrita, esse estudo teve como objetivo apontar e buscar explicar a existência de reduções dos ditongos *ou* em *e* e *ei* em *e*, reduções de *e* e *o* átonos pretônicos, assimilações de *-nd-* em *-n-*, transformações de *lh* em *i* e desnasalização das vogais postônicas.

A língua padrão é vista com tanto prestígio que, muitas vezes, as variantes linguísticas são consideradas impróprias pelo fato de não estarem “obedecendo” uma perspectiva conservadora que visa à unificação e à submissão a regras. De tal modo, vivendo em tempos de diversas manifestações de preconceito, a pesquisa nos sensibiliza para a observação de que é, justamente, o conteúdo e a linguagem utilizados no conto popular que preservam o interesse dos leitores, ainda nos dias de hoje, para uma leitura que foge dos purismos e expõe variadas formas de uso da língua em diferentes sociedades.

2 Revisão de literatura

O Brasil é conhecido pelo mundo, como um país multicultural. Existe uma grande mescla de povos convivendo juntos e que, inevitavelmente, deram origem a inúmeras variedades da língua portuguesa falada no país, que muito a enriquecem e que contribuem para a sua evolução. Em seu livro *O português da gente: a língua que estudamos, a língua que falamos*, Rodolfo Ilari e Renato Basso (2006) mencionam dados da Fundação Nacional do Índio (Funai), que registram, no ano de 1995, por exemplo, um total de 325.652 indígenas habitando o país e falando cerca de cento e oitenta línguas diferentes.

Em *A língua de Eulália* (2001), Marcos Bagno afirma que há, no Brasil, mais de duzentas línguas, além do português, faladas por índios e imigrantes. No entanto, acredita-se que, por ser o português a língua mais falada e escrita, ele é único, porém, não há, em qualquer lugar, uma língua que seja uniforme. Como defendido pelo autor, o



português é formado de variedades e não se constitui de um bloco compacto. De acordo com Ilari e Basso (2006), a unidade linguística do português brasileiro consiste em um mito, visto que, a língua é viva e, portanto, passível de mutações de origens linguísticas e extralinguísticas.

Ademais dos mitos, não se validam os fenômenos pelos quais quaisquer línguas passam: mudança diatópica e diacrônica. Assim, além de variar geograficamente no espaço, a língua muda com o tempo. Portanto, como sugerido por Bagno (2001), a região, o gênero, a posição social e econômica, a faixa etária, o nível de instrução, a moradia rural ou urbana, que são questões extralinguísticas, influenciam no modo de se falar e escrever o português brasileiro, ou seja, originam suas variedades.

Contudo, mesmo diante de um amplo leque de variantes, digno de respeito e valorização sociocultural, ocorre ainda, o preconceito linguístico. Marta Pereira Scherre, em seu livro *Doa-se lindos filhotes de poodle* (2005), discute essa categoria de preconceito como sendo uma maneira depreciativa e humilhante de tratar a fala do outro. Para ela, utilizar a língua com o intuito de promover a divisão e a exclusão social é um atentado à cidadania.

A norma-padrão, como apresentado por Bagno (2001), formou-se a partir das falas das classes sociais de prestígio dos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte, que eram os mais ricos ao longo do século XX. Portanto, existe uma maior influência de questões econômicas e sociais do que propriamente linguísticas na proliferação de ideias que atribuem à variedade padrão do português como sendo a correta ou a própria língua portuguesa. Nesse sentido, em *Língua e sociedade partidas: a polarização sociolinguística do Brasil* (2015), Dante Lucchesi defende que, no período entre o final do século XIX e início do século XX, a vitória dos puristas no que se refere à língua, é a “expressão legítima de uma sociedade patriarcal e latifundiária, assentada no trabalho escravo.” (LUCCHESI, 2015, p.24).

Há a busca, como diz Bagno (2001), de um ideal linguístico, apreciado por aqueles que são tidos como cultos, que vai ao encontro do português padrão e que assim recebe, conseqüentemente, maiores investimentos e é estereotipado como sendo o melhor e o mais bonito. Todavia, a grande maioria dos falantes brasileiros não se apropria da gramática normativa na fala ou até mesmo na escrita, o que não significa que estejam errados ou que não utilizam uma variedade padrão lógica e coerente. Na verdade, o português não padrão é funcional e obedece às tendências naturais da língua.

Marta Scherre (2005) aborda a língua como sendo viva, a qual todo falante, adquire de maneira natural. Assim, para ela, não falar uma língua ou dialeto de prestígio não pressupõe que não haja o domínio das línguas às quais os falantes foram expostos, mas sim, que se produz uma variante diferente daquela do português padrão, que não pode ser vista como feia ou errada. Com base nesses referenciais teóricos e levando em consideração que a gramática normativa é apenas uma parte da língua, busca-se, com essa pesquisa, contribuir para um olhar não preconceituoso e sim, apreciador de variedades linguísticas que fogem do português padrão, estabelecendo explicações lógicas para as suas ocorrências.

3 Metodologia

O livro *Histórias que a Cecília contava*, organizado por Maria Selma de Carvalho, José Murilo de Carvalho e Ana Emília de Carvalho é composto por uma série de contos registrados em uma variedade não padrão do português, entre os quais, analisamos o conto *A Garça*. A narradora, Maria Cecília de Jesus, conforme explicitado anteriormente, é mineira, pobre, analfabeta e de um contexto rural. Suas histórias revelam a riqueza da linguagem que é própria do povo brasileiro, porém que, ainda hoje, é estigmatizada e ridicularizada, não recebendo o seu devido valor, como língua organizada, coerente e funcional que se constitui.

O trabalho de pesquisa “O português caipira em ‘*Histórias que a Cecília contava*’” foi desenvolvido a partir da análise do conto *A garça*. Após a identificação de

aspectos linguísticos relacionados às variantes populares, foi feita uma listagem, com o objetivo de verificar o grau de ocorrência de cada fenômeno. Alguns foram selecionados e investigados através de consultas bibliográficas, que visaram à compreensão de suas origens e o conhecimento de fatores que contribuem para a sua existência na língua falada.

4 Resultados

No conto *A Garça*, há a ocorrência de termos como *ropa*, que nos dicionários é grafada como “roupa”, *notra e poco* para “noura” e “pouco”, bem como as palavras *troxe e tisora* que, segundo o português-padrão, deveriam ser “trouxe” e “tesoura”. Esse fenômeno é chamado redução do ditongo *ou* em *o*, e ocorre em meio aos falantes de português não padrão e padrão, assim como a redução de *e* e *o*, quando átonos pretônicos.

Outra redução de ditongo identificada no conto foi a de *ei* em *e*, representada pelas palavras *pexe* (peixe), *chero* (cheiro), *fejão* (feijão), *lavadera* (lavadeira), *cuzinhera* (cozinheira), *berada* (beirada), *dinhero* (dinheiro), *docera* (doceira), *passadera* (passadeira), *formiguero* (formigueiro) e *dexa* (deixa). Apesar da similaridade com o fenômeno de redução de ditongo anteriormente citado, esse tipo de redução não acontece de forma geral em todas as palavras constituídas pelo ditongo *ei*, mas apenas em alguns casos.

A exemplo da redução de *e* e *o* quando átonos pretônicos, o conto registra as palavras *bunita* (bonita), *suzinha* (sozinha), *cumpania* (companhia), *gurdura* (gordura), *cumida* (comida), *cumigo* (comigo), *minina* (menina), *formiga* (formiga), *dispidiu* (despediu), *siguinte* (seguinte) e *butina* (botina).

Também é evidente a presença dos termos *pescano* (pescando), *andano* (andando), *vino* (vindo), *veno* (vendo), *subino* (subindo), *ino* (indo), *sabeno* (sabendo), *incarano* (incarando), *ressonano* (ressonando), *coçano* (coçando), *chorano* (chorando), *brigano* (brigando), *correno* (correndo), *lavano* (lavando), *quereno* (querendo), *cantano*

(cantando), *subiano* (assobiando). Trata-se do fenômeno denominado “assimilação”, em que a terminação -ndo, marca do gerúndio, é pronunciada de forma reduzida: -no. “A assimilação, como o nome diz, é a força que tenta fazer com que dois sons diferentes, mas com algum parentesco, se tornem iguais, semelhantes.” (BAGNO, 2001, p.77).

Ainda é possível notar a assimilação de *lh* em *i*, pelo fato de na variante do português não-padrão esse som consonantal não existir, como o uso da palavra *trabaio* para trabalho, *tuaia* para toalha, *conseio* para conselho, *navaia* para navalha e *veia* para velha.

Outro ponto observado foi a tendência à desnasalização das vogais postônicas, ou seja, a eliminação do som nasal das vogais que estão depois da sílaba tônica, por exemplo, *parage* para “paragem” e *home* para “homem”.

4.1 Redução do ditongo *ou* em *o*

Bagno (2001), estabelece uma comparação entre o português não padrão e o português-padrão. Segundo o autor, a variedade não prestigiada, falada pelas classes populares, possui um português que é natural, funcional, de tradição oral e principalmente, inovador. Em contrapartida, a variedade de português das classes dominantes é artificial, redundante, de tradição escrita e conservadora.

As mudanças, por conseguinte, ocorrem com maior frequência e de maneira mais fácil no português não padrão, visto que, como já dito, é de tradição oral e se permite inovar. Assim, a língua que é falada é muito mais ágil, esperta e versátil do que a que escrevemos, ou seja, está sempre se transformando, enquanto que a escrita permanece no estágio de adaptação às alterações linguísticas. Desse modo, “a língua voa, a mão se arrasta.” (BAGNO, 2001, p.81).

Bagno (2001) explicita o fenômeno de redução do ditongo *ou* em *o* como sendo fruto, justamente, de uma transformação na fala, ocorrida durante o processo de formação da língua portuguesa. No conto *A Garça*, do livro *Histórias que Cecília*

contava, há o registro de termos de tal natureza, como *ropa* (roupa), *poco* (pouco) e *troxe* (trouxe). Assim, o conto traz à tona algo que está presente entre a grande maioria dos falantes brasileiros na oralidade e que contribui para a confirmação de que a língua é um organismo vivo.

Os livros didáticos e a gramática normativa conceituam o ditongo como um encontro vocálico na mesma sílaba, em que as duas vogais são pronunciadas. Todavia, por mais que sejam dois símbolos gráficos nomeados de vogais, possuem sons diferentes, ou seja, pertencem a famílias distintas. Um ditongo, portanto, é sempre constituído de uma vogal e de uma semivogal.

Bagno (2001) explica que o som de uma semivogal é produzido no palato duro, ou seja, pertence à família palatal. Na língua portuguesa o *i* e o *u* são chamados de semivogais ou semiconsoantes, pois têm um tipo de som entre as vogais, que são produzidas com a passagem livre de ar e as consoantes, em que, a passagem do ar encontra um obstáculo. Assim, nas semiconsoantes, o ar passa quase totalmente livre, precisando de auxílio de uma vogal.

Desse modo, o ditongo *ou* é formado pela vogal *o* e pela semivogal *u*. Contudo, antigamente, as palavras que hoje possuem o ditongo *ou* não eram escritas dessa maneira e sim, com o ditongo *au*. As palavras como “pouco” e “louro”, por exemplo, conforme apresenta Bagno (2001), do latim, eram escritas *paucu* e *lauru*, bem como a palavra “roupa” que é de origem germânica, era escrita *raupa*.

Enquanto a língua portuguesa estava se formando, ocorreu essa transformação e as palavras contendo o ditongo *au* passaram a ser escritas com o ditongo *ou*. A explicação mais lógica para tal mudança, segundo Bagno (2001), é a assimilação. Assim, por ser o *a* uma vogal muito aberta e o *u* uma vogal muito fechada, dificultando a pronúncia, o *u* aproximou o máximo que pôde o *a* para si, indo ao encontro do *ô* e originando, o ditongo *ou*.

Hoje, como ocorreu no passado, a língua tem manifestado um novo fenômeno: redução do ditongo *ou* em *o*. “Roupa” se diz *ropa*, como na palavra “pouco”, se diz *poco*, e outras palavras que tiverem o ditongo *ou*. O motivo, para Bagno (2001), é a monotongação: quando dois sons se tornam um. Assim, como o *u* é uma semivogal, conseqüentemente, o som que predomina é o da vogal *o*.

4.2 Redução do ditongo *ei* em *e*

De acordo com Ilari e Basso (2006), a tradição escolar incentivou as pessoas a voltarem maior parte de sua atenção à escrita e não à fala, de modo que muitas acreditam falar da maneira como escrevem, o que consiste em uma ideia errônea. Bagno (2001) afirma que nem tudo o que é dito de uma forma é escrito da mesma forma e vice-versa.

Assim como no caso de redução do ditongo *ou* em *o*, a redução de *ei* em *i* também é explicada pelo fenômeno de assimilação. No entanto, esse último caso não é uma generalização, ocorrendo apenas quando o ditongo é sucedido pelas consoantes *j*, *x* e *r*, como em *peixe* (peixe), *cheiro* (cheiro), *feijão* (feijão), *lavadeira* (lavadeira), *cozinheira* (cozinheira), *beirada* (beirada), *dinheiro* (dinheiro), *doceira* (doceira), *passadeira* (passadeira), *formigueiro* (formigueiro) e *deixa* (deixa). Em situações assim, existe uma tendência em pronunciar as palavras de forma diferente da escrita. Exemplos de palavras que não aparecem no conto, mas que comprovam a não-redução quando o ditongo está diante de consoantes diferentes de *j*, *x* e *r*, são *beijo* e *leigo*, pronunciadas tal qual a escrita.

Para Bagno (2001), a explicação que se tem para isso é de que, assim como a semivogal *i*, as consoantes *j* e *x* também fazem parte da família palatal, sendo reunidas pelo processo de assimilação. Desse modo, não é o ditongo *ei* que é reduzido em *e*, e sim o *-ij* em *-j* e o *-ix* em *x*. Quanto às palavras onde a consoante *r* sucede o ditongo *ei*, como em *beira*, também ocorre assimilação, pois ainda que *r* não tenha a mesma

qualidade palatal de *j* e *x*, é produzida na região entre os alvéolos e os dentes, no céu da boca, assim como *i*.

4.3 Redução de *e* e *o* átonos pretônicos

Conforme Bagno (2001), a fonética, ou seja, a maneira como as palavras são pronunciadas é o que torna mais evidente a diferença entre variáveis, o que, em muitos casos, gera preconceito linguístico. A redução do *e* e *o*, átonos pretônicos, tendo como base as palavras encontradas no conto *A Garça*, é justamente alvo de preconceito devido à forma como se produz os sons das palavras. Todavia, existe uma lógica para se pronunciar *bunita* para “bonita”, *minina* para “menina” e *gurdura* para “gordura”.

E e *o* são chamados de átonos pretônicos quando não estão na sílaba tônica, e sim, antes dela. Quando, porém, estão após a sílaba tônica, são nomeados de átonos postônicos. A presença das vogais *i* ou *u* na sílaba tônica são as que levam à redução das vogais pretônicas *e* e *o* ao *i* ou *u*.

A explicação para que ocorra a redução, conforme Bagno (2001), é a de harmonização vocálica. Assim, o *i* e o *u*, por serem as vogais mais fechadas e altas, pertencentes à família palatal, ao estarem na sílaba tônica, naturalmente, tornam as vogais *e* e *o* mais fechadas, levando-as a serem produzidas em um local mais próximo do céu da boca. Dessa maneira, não ocorre a pronúncia de uma vogal muito aberta, seguida de uma muito fechada, mas sim, a produção de um som harmônico.

As palavras “seguinte” e “formiga”, portanto, por terem a vogal *i* na sílaba tônica, são pronunciadas *siguinte* e *formiga*. Por sua vez, as palavras ‘gordura’ e ‘segundo’, por terem a vogal *u* na sílaba tônica, são produzidas *gurdura* e *sigundo*. Essas transformações constituem, como afirma Bagno (2001), um fenômeno muito antigo e natural da língua, chamado de harmonização, que não pode ser tido como errado ou feio, já que é consequência das forças internas que regem o idioma.

4.4 Assimilação de - *nd* - em - *n* -

Bagno (2001) afirma que, por fatores extralinguísticos, algumas variedades linguísticas foram postuladas como norma-padrão, cujo domínio, geralmente, é associado às classes mais altas, enquanto as demais variedades, constituintes do português não padrão, estão relacionadas às classes sociais inferiores. Contudo, existem algumas semelhanças na fala de pessoas de níveis de escolarização diferentes, pois, em ocasiões informais e de descontração, nem sempre se tem grande cuidado com a linguagem utilizada. A exemplo disso, tem-se a redução de - *nd* - em - *n* -, bastante comum em situações em que verbos no gerúndio ou, até mesmo, a palavra “quando” são pronunciados rapidamente.

Para Bagno (2001), tanto o fonema /*n*/ como o fonema /*d*/, para serem articulados, exigem um contato entre o ápice da língua (área que corresponde à ponta) ou o seu pré-dorso (parte dianteira) com os alvéolos dos dentes incisivos superiores. Assim, essas consoantes, classificadas como dentais, são produzidas na mesma região bucal, o que faz com que também passem pelo processo de assimilação.

No caso de *pescano* (pescando), *andano* (andando), *vino* (vindo), *veno* (vendo), *subino* (subindo), *ino* (indo), *sabeno* (sabendo), *incaranos* (encarando), *ressonano* (ressonando), *coçano* (coçando), *chorano* (chorando), *brigano* (brigando), *correno* (correndo), *lavano* (lavando), *quereno* (querendo), *cantano* (cantando), *subiano* (assobiando), houve assimilação de *d* para *n*, ocultando *d* e gerando - *nn* -, que foi simplificado e passou a ser - *n* -. Tal aspecto linguístico não é específico do português brasileiro, sendo comum em textos de origem portuguesa, no século XVI, e também modificando termos de dialetos italianos e do catalão. *Mandare*, termo do latim que originou o *mandar* do português, reduziu-se em *manar* (Bagno, 2001).



4.5 Transformação de *lh* em *i*

Fernando Tarallo (1986) traz a ideia de que a heterogeneidade linguística pode, sim, ser sistematizada. Caso contrário, não haveria a possibilidade de justificar a ocorrência de comunicação entre os falantes de uma mesma língua, quando há coexistência de formas. São exatamente as variações que enriquecem a língua, e o seu nível de prestígio está muito mais relacionado a uma visão social do que a fatores internos. Desse modo, é importante que seja estabelecida uma relação de todo e parte, de forma que o todo seja representante da língua falada, naturalmente construída em sociedade; já a parte deve ser entendida como a norma culta, que necessita de um apoio maior para seu uso efetivo, visto que, antes mesmo de nascermos, estamos em contato com a língua oral e, posteriormente, acontece a experiência com a língua escrita.

A gramática normativa é um instrumento pertinente à preservação e/ou conservação da norma culta, contudo, não deve ser vista como um princípio a ser seguido pelo fato de apresentar superior preferência em determinados contextos. Considerando esse cenário de prestígio, Bagno (2001) traz a realidade do nosso sistema educacional, que valoriza os alunos que já dominam a língua padrão e, de certa forma, deprecia aquele que não traz em sua bagagem linguística o português padrão, e sim uma variante do português. Talvez seja esse o alicerce do preconceito linguístico, pois é exatamente o português padrão que deve ser ensinado nas escolas para que todas as classes sociais possam, igualmente, fazer uso da língua padrão em situações que a requeiram. Bagno (2001) propõe que sejamos persistentes para que aconteça efetivamente a distribuição democrática da riqueza linguística e de tantas outras distribuições de benefícios de uso comum, como saúde e educação. O problema é de grande complexidade e está diretamente ligado à forma que vivemos em sociedade e nosso sistema governamental.

Precisamos compreender que, sob uma perspectiva diacrônica, podemos buscar elementos que justificam o uso dessas variáveis linguísticas.

Recorrer à história da língua é uma tentativa que faço de mostrar que a língua portuguesa, em todas as suas variedades, continua em transformação, continua mudando, caminhando para as formas que terá daqui a algum tempo (BAGNO, 2001, p.35).

A exemplo da mutualidade da língua, foram analisadas variáveis empregadas no conto *A garça*: as transformações de *lh* em *i* e a desnasalização das vogais postônicas.

Em toda comunidade de fala são frequentes as formas linguísticas em variação. Como referimos anteriormente, a essa variação dá-se o nome de “variantes”. Variantes linguísticas, são, portanto, diversas maneiras de dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de “variável linguística” (TARALLO, 1986, p. 8).

Bagno (2001) não relaciona a transformação de *lh* em *i* com a preguiça ou inferioridade intelectual dos falantes do português não padrão, mas sim como a não existência desse som consonantal na variedade de português que utilizam. O autor expõe exemplos da variação do *lh* por *i*: *espaia* no lugar de “espalha”, *parentaia* no lugar de “parentalha”, *bataia* para “batalha” e *atrapaia* para “atrapalha”. A alteração de *lh* em *i* acontece também nos contos analisados na pesquisa, exemplificados nas palavras *oio* para “olho” e *fio* para “filho”.

Para o entendimento da variante em estudo, é necessário que a língua portuguesa seja colocada em comparação com diferentes línguas, como, por exemplo, o espanhol, o inglês e o francês. A relação entre o yeísmo no espanhol padrão é colocada por Bagno (2001) como uma forma de exemplificar que a variação existe em toda língua. Em Castela, é usado o espanhol padrão, sendo assim, tudo o que é escrito usando *ll*, em castelhano, traz como pronúncia *lhê*, que tem o mesmo valor da pronúncia do *lh* no português padrão. Ainda assim, em outras regiões da Espanha o *ll* é pronunciado *i*. Como exemplo, tem-se a palavra “caballo” (cavalo) que, no espanhol padrão, é pronunciada “cabalho”, enquanto que, em outras variantes, se diz “cabaio”.

Semelhantemente, a língua francesa passou por um ciclo de desaparecimento da consoante *ill* que, no português, equivale ao *lh* e a substituição pela semivogal *i*, sendo possível observar pronúncias bastante parecidas entre o francês padrão e o português não padrão. A exemplo, a palavra “cuillet” do francês é pronunciada *küyé*r, sua tradução para o português é “colher” e sua pronúncia nas variedades do português não padrão é *cuié*.

O desaparecimento do *lhê* em francês é considerado por Bagno (2001) resultante de uma assimilação que acontece pelo fato do som consonantal ser produzido pela ponta da língua tocando o palato, entretanto muito próximo desse lugar é produzida também a semivogal *i*, representada pelo símbolo /y/. O autor sugere que sejam repetidas sequências de *lha-lha-lha* e *ai-ai-ai* para a melhor percepção do movimento em relação ao palato.

Considerando a comodidade no uso da semivogal *i* em casos que requerem o uso de *lh* na norma padrão, ao que se diz respeito a um estrangeiro em seu processo de aprendizagem da língua, a transformação de *lh* em *i* é relacionada a não existência em suas línguas maternas de um som semelhante. A dificuldade para pronunciar o *lh* acaba levando o falante à substituição pelo *i*.

Como segunda explicação para a assimilação de *lhê* em *i* no francês, Bagno (2001) diz que se trata de fatores de cunho extralinguístico, relacionados à situação histórica e política da época, cenário resultante da Revolução Francesa, em 1789, que teve como uma de suas consequências, a tomada de poder pelos burgueses, substituindo nobres, aristocratas e grandes proprietários de terras. Assim, o *lhê* foi, aos poucos, caindo em desuso, dando espaço ao *i*, já que essa era uma das características da oralidade das novas autoridades, antes ridicularizadas pelo seu modo de falar. Comprova-se então, mais uma vez, que as questões linguísticas e a sociedade estão diretamente interligadas, afinal, como questiona Bagno, “a língua padrão não é a língua do patrão?”

5.6 Desnasalização das vogais postônicas

Fernando Tarallo (1986) observa que, ao se tratar de uma narrativa, o informante acaba deixando de lado a preocupação com o uso da norma padrão, pois seu objetivo é contar os acontecimentos, fazendo o uso da sua variante do português. É frequente e já destacado no prefácio do livro *Histórias que Cecília contava* por um de seus organizadores, José Murilo de Carvalho, que “Cecília vestia suas histórias de linguagem popular puramente brasileira” (CARVALHO, 2011, p. 17).

Uma das características vigentes nos contos de Cecília é a hegemonia das vogais, assim como a eliminação do som nasal das vogais que estão depois da sílaba tônica. Esses aspectos são percebidos nas palavras *home* (homem) e *parage* (paragem).

Bagno (2001) explana palavras em latim e em português padrão moderno, como “abdômen” (latim) e “abdome” (português), “examen” (latim) e “exame” (português). As palavras usadas como exemplo, num determinado tempo, tinham um *n* final no latim. Atualmente, essa marca desapareceu.

Podemos então formular algumas hipóteses de vestígios desse *n* final nas palavras em que, ainda hoje, notamos a existência do *n*, tais como “abdominal” e “examinar”. Há ainda, em algumas palavras, duas grafias possíveis como “abdome” e “abdômen”. Em outros casos, Bagno (2001) apresenta a eliminação das vogais postônicas: nas palavras terminadas em *m* e *-agem*, como *ontem* e *garagem*, por exemplo.

O fenômeno da eliminação das vogais postônicas é analisado por Bagno (2001) também em palavras que terminam em *ão* postônico. Por isso, no português não-padrão, frequentemente, ouvimos *orfo* para “órfão” e *Cristovo* para “Cristóvão”. Ainda os verbos que terminam, no português padrão, em *-am* (pronunciados *-ão*) acabam sendo pronunciados, em variedades populares, *cantaro* e *bebero*. Os nomes próprios como “Aírton” e “Wilson”, por exemplo, que, oralmente, são falados Aírto e Wílso. Bagno destaca:



Quando um aluno, ou qualquer outra pessoa, pronunciar *home*, *onte*, *garage*, *bobage*, você já vai poder corrigir com a consciência de que está tentando ensinar uma forma oficial, padrão, culta, que na verdade é apenas *conservadora*, enquanto as formas não padrão, populares, são *inovadoras* e respeitam as tendências normais do idioma (BAGNO, 2001, p.117).

Precisamos compreender que é natural da língua a ocorrência da desnasalização da vogal postônica, o que consiste em uma troca de um fonema nasal por um oral. Sendo assim, Bagno (2001) propõe o entendimento de que falar diferente não significa falar errado, pois tudo o que parece ser um “erro”, no português não padrão, tem uma explicação lógica e científica. *Histórias que Cecília contava* é um registro valioso de uma variante do português brasileiro, que ilustra essa lógica, ao mesmo tempo em que encanta o leitor/ouvinte.

Referências

- BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália**: novela sociolinguística. 11. ed. São Paulo: Contexto, 2001. 215 p.
- CARVALHO, Ana Emília de; CARVALHO, José Murilo de; CARVALHO, Maria Selma de. **Histórias que a Cecília contava**. 2. ed. Editora UFMG, 2011. 201 p.
- ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. **O português da gente**: a língua que estudamos a língua que falamos. São Paulo: Contexto, 2006. 272 p.
- LUCCHESI, Dante. **Língua e sociedade partidas**: a polarização sociolinguística do Brasil. São Paulo: Contexto, 2015. 315 p.
- MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010. 200 p.
- SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Doa-se lindos filhotes de poodle**: variação lingüística, mídia e preconceito. São Paulo: Parábola, 2005. 159 p.
- TARALLO, Fernando. **A pesquisa socio-linguística**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1986. 96 p.



ANEXOS

LISTAGEM DO CONTO “A GARÇA”

Pescano, Andano, Vino, Veno, Subino, Ino, Sabeno, Incarano, Ressonano, Coçano, Chorano, Brigano, Correno, Lavano, Quereno, Cantano, Subiano (36 vezes).

Num (31 vezes).

Pexe, Ropa, Bera, Chero, Poco, Troxe, Fejão, Lavadera, Cuzinhera, Berada, Dinhero, Quemado, Docera, Passadera, Caxa, Renado, Tisora, Furmiguero, Palácio, Pacença, Dexa (61 vezes).

Qui (27 vezes)

Cumê, Chegô, Levô, Garrô, Mandô, Cê, Vô, Ocê, Puquê, Trabaiadô, Intrô, Trazê, Mudô, Arrumô, Bebê, Importô, Pô, Tô, Trapaiô, Cabô, Bulô, Cantô, Passô, Jantô, Deitô, Lumiô, Manchô, Quemô, Falô, I (ir), Vê, Botô, Cordô, Sê, Ficô, Andô, Corré, Pegô, Piô, Incontrô, Priguntô, Sentô, Cumeçô, Infiô, Catô (184 vezes).

Pu (12 vezes), Pa (14 vezes), Mai (15 vezes).

Inversão pronominal: (16 vezes)

Plural: 33 vezes

Suzinha, Bunita, Cumpania, Pudia, Butina, Cumida, Gurdura, Cunversa, Furmiguero, Furmiga, Purrete, Cumigo (29 vezes).



Compava, Compa, Meto (3 vezes).

Tudo dia (7 vezes).

Munto (5 vezes).

Chujo (2 vezes).

Fêcha, Oia, Lumeia, Pega (5 vezes).

Óio, Fio, Famia, Oto (5 vezes).

Dês, Aquês (11 vezes).

Cumé, Qué, Intrá, Iscová, Impregá, Pintiá, Inxugá, Pintá, Pagá, Lumiá, Dá, Acabá, Lugá, Falá, Brigá, Piá, Arranjá, Pegá, Tomás, Jogá, Baxá, Coçá, Cunversá, Chorá, Tivé, Passá, Priguntá, Casá, Dexá (61 vezes).

Im casa, Sinhora, Iscova, Sirvi, Discansa, Incantada, Impregada, Iscuto, ti (te), mi (me), Dispidiu, Disincantava, Imbora, Siguiente, Lião, Quiria, Pidiu (42 vezes).

Antãnce, Antão, Anté (8 vezes).

Vamo, Somo, Memo, Tamo (12 vezes).

Picisando, Picisa (5 vezes).

Pidi, Di (3 vezes).

Sargada, Farta, Borso (3 vezes).



Tuaia, Navaia, Trapaiada, Conseio, Veia, Trabaio (13 vezes).

Feiz, Arroiz, Nóis, Luiz, Rapaiz, Voiz, Atrais, Veiz (28 vezes).

Xicra, Pru, Prigunta, Drome, Drumiu, Prigunta (9 vezes).

Entra pra dentro (6vezes).

Fosfo, Negoço (6vezes).

Divinhava, Tava, Cendeu, Cridita (11 vezes).

Igualizinho

Parage, Home (2 vezes).

Sinhori (13 vezes).

Adiente (2 vezes).

Fáci

Mei-dia (4 vezes).

Lacim, Passarim (11 vezes).

Páso (4 vezes).

Cimba.

Digitalização do conto

A Garça

[Versão original]

Tinha um moço qui a mãe dele era pobre. Ele num tinha nada. Aí, tudu dia pescava aqueles peixe. Vendia, compava ropa, compava meio de cumê. Tudo com esses peixe. Aí, quando chegô um dia, ele foi, chegô assim na bera do rio e tava pescano. Aí, nisso, chegô aquela moça, aquela princesa munto bunita!

– Cumé qu'ocê chama?

– Eu chamo Antoim.

– Eu chamo Garça. Cê qué impregá lá im casa?

– Sim, imprego, uai!

– Cê qué i lá pra casa?

Diss'assim:

– Vô, sim, sinhora.

– Pois antãoce vamo, puque lá im casa nóis tá picisado de uma cumpania, picisado de quem fica. Papai tá picisado de um trabaiadô lá. Antãoce vamo!

Tudo largado!... chujo!... cabelo grande!... barba!

Aí foi, levô ele.

– Antão, vamo, Antoim. Cê sobe aqui na minha cacunda e fêcha os óio.

Lá vai, lá vai, lá vai andano, andano, lá vai.

- Que qui cê avista, Antoim?
- Chero de água sargada!
Lá vai. Com poco, chegô na casa dela.
Quando chegô lá, lá tinha doze pessoa. Todas doze pessoa era incantada, né.
Era os irmão dela, o pai c'a mãe, tudo.
Aí chegô lá e garrô, mandô intrá pra dentro.
Intrô. Dês qu'ele intrô pra dentro, ele num viu mai ninguém.
Aí troxe. Com poco, veio a bacia d'água andano suzinha, Antoim lavá corpo.
Com poco, veio o sabão, suzinho, pu Antoim. Com poco, veio a iscova, suzinha,
veio andano tudo pa sala suzinho, pu Antoim iscová os dente. Aí einveim tudo.
Aí, com poco, einveim a tuaia.
- Ah! Antoim, a tuaia aqui pu cê inxugá!
Mai Antoim num tá veno. Dês qui chegô lá, num viu mai ninguém. Antoim
num viu mai ninguém!
Aí, com poco, aí com poco, o Antoim garrô... cabô de trazê esse cabedale tudo.
- Agora, Antoim, a ropa aqui!
A ropa veio pa sala suzinha!
- Oia a butina, aqui!
Mai só tá vino. Antoim num tá veno ninguém, né. Aquês trem tudo!
Aí veio a ropa. Antoim mudô a ropa, arrumô bem arrumado!
- Ah! Antoim, a navaia aqui.
A navaia veio pra sala suzinha, a tisora veio suzinha pra ele. O Antoim feiz as barba.
- Antoim, agora cê já mudô a ropa, agora cê entra pra dentro bebê café.
Ele intrô pra dentro pra bebê café. Aí intrô pra dentro. Intrô doze xicra na
mesa. Todas doze xicra de café, tá veno, tá subino pa boca, mai num tá veno
ninguém. Num tá veno ninguém, né. Antoim... isso pra ele... num importô, não!
Aí, chegô hora da janta. Doze prato. Aquela mesa dura de cumida! Limpava tudo!
- Antoim, o que qui cê qué cumê? Vamo sirvi ocê!
Mai tá só veno conversa... mais num viu mai ninguém. Era incantado.
Aí, Antoim, taí, Antoim, taí. Tudo dia era essa matina! Chegava n'otro dia:
- Ah! Antoim, agora cê discansa. Hein, Antoim, coitado, cê tava naquele
mato, hein?

Dês do dia qu' u Antoim foi, a riqueza chegô na casa da mãe dele.

– Dês do dia qui cê veio Antoim, lá na casa num farta nada!

Cada saca de arroz, saca de feijão, lata de gurdura, saca de café, fazenda, ropa, cama pu Antoim, pa famia dele! Logo, lá já podia pô impregada. Na casa da mãe dele, tinha impregada, tinha docera, lavadera, cuzinhera, passadera de ropa! Tudo munto bem arrumado! Tinha até quem pintiava o cabelo das moças! As moça num pintiava mais cabelo. Já tinha rapaiz pa pintiá. Aí, aquela riqueza!

Tudu dia quando o Antoim deitava, isso tudo, o Antoim via um ressonado na bera da cama dele, na berada. Tá ressonano, tá ressonano. Tinha munto medo, né, puquê num via ninguém na casa. Aí, quando chegô n' otro dia, o Antoim foi ino, mai num falava nada, não. Via a voiz dela:

– Cê num tá veno nada aí, não, Antoim?

– Não, sá Garça, num tô veno, não! (Mai ele num via ninguém.) Num tô veno, não!

Aí, o Antoim garra, vai na casa da mãe dele. Chegô lá, a mãe:

– Nóis tá munto rico! Dinhero tá de bulô, num importa mais! Agora, meu fio... (As impregada taí. Tudo chique! Tá dentro de casa, tá impregada, né? Tinha até pa pintiá cabelo!) Dês do dia qu' ocê sumiu daqui, chegô essa riqueza pra nós, dês desse dia! E agora e agora...

– Ah! mamãe, só a sinhora veno, mai só lá! Dês qu' eu cheguei lá, eu num vejo mai ninguém! Iscuta a cunversa dês tudo. Entra doze prato, na mesa, de cumida, some tudo! Entra doce, entra cumida, tudo na mesa. Some tudo! Doze xicra de café! E de noite tem um ressonado na bera da minha cama!

– Mai... cê num tem luiz, não?

– Num tem não sinhora! (Foi o qui trapaiô ele, né.)

– Cê num tem luiz pa lumiá, não?

– Não.

– Antão, eu vô ti dá uma caixa de fosfo (isso é qui foi a trapaiada dele, né), eu vô ti dá uma caixa de fosfo e vô ti dá ocê uma luiz p' ocê levá. Quando cê vê o ressonado na bera da cama, ocê risca o fosfo e lumeia.

Assim ele feiz.

Quando ele saiu, dispidiu, o Antoim levô uma caixa de fosfo e a vela.

– Cê levã uma vela boa!

Aí ele levô a vela.

Quando o Antoim chegô lá:

– Ah! Antoim, ocê num contô nada qui passô aqui, não?

– Ah! isso é coisa qui nós num tem é língua pa pagá!

– Ah! Antoim, s'ocê contô, nós sabe. Cê num contô nada qui passô aqui, não?

– Ah! num contei não senhora!

– Oia lá, s'ocê contô, nós sabe é o quê! Bamo vê!

Aí... já tava sabeno, né, divinhava. Aí, foi garrô. Com poco, Antoim jantô. Chegô de noite, o Antoim deitô. Quando o Antoim deitô, o ressonado na bera da cama dele! Pra ele qui já tava c'a caixa de fosfo e a vela, né, foi, passô a mão na vela... feiz tric, cendeu a vela. Quando cendeu a vela, qu'a vela lumiô... Ih!... Ô princesa bunita! (Puquê ela era incantada. Lá no rio, ela era passo, né, dentro de casa el'era gente. Ela disincantava!) Ah! qui moça bunita! Ah! moça!

Quando o Antoim foi incarano bem, o burrão da vela bate na cara dela. Ela foi, diss'assim:

– Ora pois, Antoim, ocê mi manchô o rosto, Antoim! Ah! Antoim, ocê mi quemô o rosto, Antoim! Oia meu rosto cumé qui tá tudo quemado! Nós num falô c'ocê qu'ocê num contasse o qui passô aqui? Ocê contô! Ocê mi manchô o rosto, Antoim! Tô quemada! Agora, Antoim, cê num vê eu mai! Tava perto d'ocê disincantá nós. Nós somo doze pessoa qui mora aqui, mai nós agora, Antoim, vamo s'imbora, nós vamo s'imbora, Antoim, pu Renado dos Pombo. Agora cê fica aí. A riqueza da sua casa vai acabá, vai acabá tudo, Antoim! É Antoim, nós vamo imbora!

– Num vai, sá Garça! Num vai, sá Garça! Tem pacença, sá Garça!

– Vai, Antoim! Ô, Antoim, deita aqui!

Aí garrô Antoim, botô o Antoim no colo dela. O Antoim deitô, ela foi coçano na cabeça dele, foi coçano... O Antoim ferrô no sono, né. Quando o Antoim cordô qui oia, tava no furniguero de furniga lava-pé! Isso aqui tudo de furniga lava-pé! Cisco... as furniga... Num tinha cama, num tinha nada! Ele tava qui nem ele foi da casa dele! Igualzinho! Chujo... machucado... isso aqui tudo. Furniga lava-pé tá im roda do pé dele! Cabô o palácio! Mudô e levô

a casa! Cabô aquilo tudo! Aí, Antoim tá chorano, tá chorano. Que qui havera de sê dele! A riqueza da mãe cabô! A mãe ficô do jeito qui tava! Impregada cabô, cabô tudo, né. Ficô pobre!

Aí ele foi garrô, Antoim diss'assim:

– Agora eu vô andano, eu vô andano até onde eu achá ela!

Antoim tá andano.

– Ela disse qui ia pu Renado dos Pombo!

Andava, andava, chegava num lugá, piguntava:

– O sinhori num sabe aonde é o Renado dos Pombo, não?

– Essa parage nunca vi falá!

Lá vai, lá vai. Andô, andô... Quando chegô um dia, tava dois home brigano:

– Essa bota é minha!

– É minha!

– É minha!

Um briga dali, oto briga de cá! Passa mão no purrete! A bota taí.

– Eu quero ela, si tu num mi dá ela, eu ti acabo! Eu quero a bota!

Aí o Antoim foi e disse:

– Mais pru causa de que qui vaceis tá co'essa briga pu causa dessa bota?

Uma bota só! A gente num sabe não, mais a gente dá conscio pra vaceis num brigá, as coisas tá rúim, pur isso pu causa dessa bota num picisa siori brigá.

– Ah! não sinhori. Cumé o nome do sinhori?

– Eu chamo Antoim.

– Sô Antoim, o sinhori cridita qui o caso dessa bota é o seguinte... Essa bota vai aonde o sinhori qué qu'ela vai. O sinhori fala co'ela assim: "Bota, vamo em tal lugá assim..." O sinhori pidi ela pa i no Renado dos Pombo, ela leva agora memo.

O Antoim:

– Cumé?

– O sinhori pidi pa i no Renado dos Pombo, ela vai. Agora memo! Ela passa adiente e vai. E leva a pessoa lá!

Antoim:

– Num fala!

– Nós, antão, tamo correno pa vê...

– Antoim: S'eu corrê atrais dela, vaceis mi cede ela?
– Ah! si o sinhori pega ela, cede.
Aí a bota tá correno, o Antoim atrais. A bota: tum! A bota corre aqui, o Antoim pr'ali... puis pegô a bota!
– Agora, o sinhori prigunta s'ela leva no Renado dos Pombo.
– Bota!
– Hum, hum...
– Ocê mi leva no Renado dos Pombo?
– Levo, levo!
Aí, a bota passô adiente, o Antoim atrais, a bota adiente, o Antoim atrais...
Aí chegô na cidade do Renado dos Pombo. Aquela cidade tudo branquinha!
Aquês passo, tudo branquinho!
Aí ele chegô no Renado dos Pombo. Aí, taí. Chegô lá, né? Mais quando qu'ele piô ela fáci!
Aí ele foi e incontrô c'uma veia. A veia tava assim na bera do rio, na lagoa, lavano ropa. Ele priguntô a veia:
– Ô minha veia, iscuta, aqui é a cidade do Renado dos Pombo, né?
A veia diss'assim:
– É. É essa mesma!
– Eu tô atrais de uma princesa!
Contô o caso, tudo diritinho, da princesa Garça, quereno piá ela!... Contô os trabaio tudo!
– É... ela, o mei-dia, ela vem cá. O mei-dia, ela vem. Ês são doze, os irmão, o pai, a mãe. São doze pessoa. O mei-dia ela vem tomá banho no rio. Vem ela e as irmã. O sinhori pia essa pena. Tem qui piá ela pa pena. Se o sinhori pegá a pena dela, o sinhori pegu'ela! Tem di arranjá um laço de fita e jogá o laço, pu laço pegá!
A veia tinha quatro fio falso: prinço Pexe, prinço Passo, prinço Porco e prinço Lião.
Aí, ela falô 'sim:
– Ela vem tomá banho naquela lagoa. Cê compa um laço de fita, a hora qu'ela baxá, cê joga o laço de fita, a pena qu'ocê saí é a garça qu'ocê qué.

Assim o Antoim:

– Deus ajuda a sinhora (isso memo qu'ele quíria!). Antão, eu vô fazê o negócio. Aí, o Antoim na mesma hora compô a fita, compô uns dois meto de fita e levô a fita.

Com poco chegô mei-dia. Ela veio!

– Fofofofó, fofofofó...

Enveim, enveim... aquela ponta! Bateu na lagoa. Quando bateu na lagoa, o Antoim jogô o laço de fita. Quando Antoim jogô, a fita num pegô o pé dela no laço, não. Quando jogô oto laço, o laço pegô a pena. Pegô a pena, a pena saiu co'ela.

– Ah! Antoim! Cumé qu'ocê mi piô, Antoim! Hein, Antoim, aqui é qui é o Renado dos Pombo, Antoim!

Sentô, cumeçô a cunversá. Ela cumeçô a coçá a cabeça dele. Antoim drome. Ela infiô a mão no borso dele, catô o lacim de fita e foi imbora.

Antoim cumeçô a chorá. A veia falô 'sim:

– Vô pidi o prinço Pásso p'ocê sê o pássso mais bunito qui tivé. Cê vai passá na frente do palácio e ela vai ficá doida pa ti pegá. A hora qu'ela ti pegá, ela vai ti levá pu quarto dela e ocê vai priguntá ela s'ela qué casá c'ocê.

Assim ele fez. Pidiu o prinço Pásso, virô um pássso munto bunito, cantano, passava na frente do palácio, na janela.

– Papai, pega aquele passarim pa mim. Qui passarim mais bunito!

Ele armava o 'çaurpão, o passarim num intrava, tornava armá, o passarim intrô. Passarim intrô, tá subiano, passarim tá cantano. Colocô im cimba da mesa. O dia intero, ela tá incantada c'aquele passarim.

– Ah! eu vô levá esse passarim pu meu quarto.

Levô o passarim pu quarto. Quando todo mundo drumiu, ele levantô da gaiola e falô:

– Princesa, princesa, ô princesa!

– Hein?

– Cê qué casá cumigo, princesa? Eu num sô passarim, eu sô o Antoim.

– Eu num posso casá c'ocê qui o meu pai num dexa!

– Iscuta, cê prigunta seu pai s'ele dexa cê casá cumigo, qui a veiz pode dexá eu casá, princesa Garça!

- Sei lá qu'ô papai dexa! Pá casa, só si matá ele!
- Si matá seu pai, cê casa?
- Ah! si matá ele, eu caso. Só si matá o papai.
- Cê prigunta seu pai aonde tá a vida dele.
- Antão, faiz isso: eu ponho a gaiola im cimba da mesa e vô priguntá. A hora qu'ele falá, cê sai.
- Aí, quando chegô notro dia de manhã, ela botô a gaiola im cimba da mesa e dexô a porta mei abertim.
- Aí, ela piguntô:
- Papai, aonde tá a vida do sinhori?
- Hum, minha fia, a minha vida tá no fundo do mare, dento dum porco-ispim. Dento do porco-ispim tem uma caixa de ferro; dento da caixa de ferro tem uma pomba; dento da pomba tem um ovo; dento do ovo tem uma vela. A hora qui apagá a vela, eu tô morto.
- Ih! Papai, o sinhori vai vivê munto! A gente fica alegre, papai, de sabê da vida do sinhori. Quem é qui num fica?
- Quando falô assim, o passarim vuuuu... foi imbora. Quando chegô lá, ele pidiu o prinço Pexe, o prinço Pexe bateu o peito dentro d'água, jogô o porco-ispim pa fora.
- Aí, o pai deu uma dô de cabeça.
- Ai, minha cabeça, ai, minha cabeça.
- Ela tá dano chá.
- Chá pu papai!
- Chegô o prinço Porco, pegô o porco-ispim, bateu o peito, matô. Pai tá rúim. Quando matô o porco-ispim, ele tá qui vai qui num vai. Aí, abriu o porco-ispim, tirô a caixa. Ele feiz um termo [agonizou]. Quasi qui foi! O prinço Lião bateu o peito na caixa de ferro, rebentô. Pomba saiu avuano. Ele gunizô! Tornô vortá! Prinço Pásso bateu im cimba, pegô. Matô a pomba. Quando matô a pomba, o pai suspirô.
- Papai, papai! Qui será de nós sem pai?
- Aí, ele foi tirô o ovo. Quebrô. A vela tava dentro. Inda a vela tava desse tamanho, prefeitinha, ia vivê muntos ano. Com poco, ele foi na vela, soprô a vela, pai gunizô.

Aí, tá chorano, ela vai nunciano vertige! Tá no chão! As irmã tudo, a mãe rúim!

– Papai, papai morreu! Qui será de nós? Um fio sem pai é munto triste!

Aí, dispois ele morreu, né. Dispois interrô.

No dia qui feiz oito dia qui interrô, ele veio e pidliu o casamento e aí troxe o anele. Mai num falô, era quatro moça! Ele num falô as quatro moça qualé qui era a dama do casamento.

Ele foi e diss'assim:

– Eu vô pidi a sinhora um casamento.

– Quale das moça?

– Eu truxe um anele aqui, a moça qui sirvi, a moça qui agradá de mim, eu peço a mão dela. A qui quisé!

Aí, troxe as quatro moça. Botava numa, num sirvia; botava notra, num sirvia, o anele caía no chão; botava notra, caía no chão. Aí, quando foi a derradera, qui foi a Garça, botô o anele, o anele sirviu! O anele sirviu!

– Pois é, o anele sirviu na princesa Garça! Eu vô falá c'a sinhora qui num picisa fazê janta, num picisa fazê nada praque o disarranjo, a tristeza qui foi, o caso num era pa meno.

– Eu memo num tenho quem toma conta pra mim das coisa!

– Pruquê a sinhora picisa d'um tomadô de conta. Eu falei qui vinha pidi a sinhora o casamento com a moça, praque a sinhora picisa de quem oia!

– É sim sinhori. Fico munto sastifeita! Faço o casamento da minina.

– Num picisa nem fazê nada! O casamento pode marcá pra prazo de oito dia.

O prazo de oito dia, feiz o casamento. Feiz uma boa festa! Munta janta, munto doce!

Eu tava carregano mucado tomém. Co'essa chuvarada, caí na pinguela, caiu a travessa de doce qui eu tava carregano, né. Desceu um cavacão! Dispejô tudo!

Foi uma vaquinha chamada Vitora, cabô-se a historia!